

## A PALAVRA *TUDO* COMO MODIFICADOR DE GRAU NO PB COLOQUIAL

(*THE WORD TUDO (BP) AS A DEGREE MODIFIER IN COLLOQUIAL  
BP*)

Arion de Souza Cruz (UnB), Helena Guerra Vicente (UnB)

### RESUMO:

Neste artigo, procuramos fornecer a sintaxe para as ocorrências bastante produtivas de “tudo” coloquial em PB, em sentenças com leitura quantificacional. Mostramos que “tudo” coloquial apresenta propriedades sintáticas e semânticas semelhantes às dos itens da série “todo-*all*”, e, por isso, estendemos a proposta de Vicente & Quadros Gomes (2013) a “tudo”, tratando-o como um modificador de grau – não como um quantificador –, cuja função é ajustar relações de predicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** tudo; modificador de grau; flutuação; maximalização; PB coloquial

### ABSTRACT:

*In this paper, we seek to provide the syntax for the very productive occurrences of colloquial tudo (BP) in Brazilian Portuguese in sentences with quantificational reading. We show that colloquial tudo exhibits syntactic and semantic properties similar to the items of todo (all) series, and therefore we extend Vicente & Quadros Gomes' (2013) proposal to tudo, treating it as a degree modifier – not as a quantifier –, whose function is to adjust predication relations.*

**KEYWORDS:** “tudo”; degree modifier; Q-float; maximalization; colloquial Brazilian Portuguese

## INTRODUÇÃO

No presente artigo, analisamos um uso específico de “tudo” no português brasileiro (doravante PB) coloquial, muito produtivo em ambientes informais de fala, capaz de gerar sentenças com leitura quantificacional (CANÇADO, 2006; VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011; LACERDA, 2012), como exemplificado em (1). Nosso objetivo é fornecer uma análise preliminar para a sintaxe de “tudo” coloquial, assumindo a argumentação de que esse item funciona como um modificador de grau (QUADROS GOMES, 2009; VICENTE & QUADROS GOMES, 2013), ou seja, nas sentenças em que ocorre, tal item opera semanticamente sobre uma relação de predicação (predicado + argumento), elevando ao grau máximo a participação do argumento no evento. Essa operação de “maximalização” (BRISSON, 1998; LIMA, 2013) (ou “maximização” (QUADROS GOMES, 2009)), é captada na sintaxe pelo estabelecimento de *Agree* entre um núcleo de grau, Deg (do inglês, *Degree*) – que projeta um sintagma de grau (DegP), em domínio A', sobre VP (no caso de a relação de predicação ajustada ao grau máximo ser o complexo [predicado e seu argumento interno]) ou vP (em se tratando do complexo [predicado e seu argumento externo]) – e “tudo” – que é selecionado para a numeração portando um traço de grau com valor máximo,  $\forall$ , capaz de valorar o traço de grau não-interpretável presente em Deg (VICENTE, QUADROS GOMES & LUNGUINHO, 2016).

- (1)           a. Os cara tudo assiste o programa.  
              b. Ele fala as coisa tudo assim.

(Cançado, 2006<sup>1</sup>, p. 160)

Orientados pelos pressupostos do modelo teórico de Princípios & Parâmetros, em seu estágio mais atual, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993 e trabalhos subsequentes), analisaremos sentenças em que “tudo” se apresenta associado a um sintagma nominal que exerce a função sintática de sujeito (ver (1a)) ou de objeto (ver (1b)) da sentença.

A partir da constatação, pela literatura do PB, de que o uso de “tudo” coloquial se assemelha ao uso dos itens da série de “todo-*all*”<sup>2</sup>, podendo, inclusive, “flutuar”, assumiremos, embasados em Shlonsky (1991), Vicente (2006) e Lacerda (2012), que “tudo” é um núcleo funcional que seleciona um DP como complemento; adotaremos, para a análise dos dados, o espírito da análise clássica de Sportiche (1988) para o fenômeno de *Q-float*, qual seja: “tudo” é gerado na base junto ao DP que modifica, formando com ele um constituinte que pode se separar em algum estágio da derivação. Todavia, contrariamente a Sportiche (1988), assumiremos, com Lacerda (2012) e Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), que “tudo” pode mover-se de modo independente do DP a ele associado.

1            Ao citar Cançado (2006), estaremos indiretamente mencionando Godoy (2005), de cuja pesquisa foi extraído e adaptado o artigo de Cançado (2006). No *corpus* coletado por Godoy (2005) e Cançado (2006), composto de cerca de setenta ocorrências de “tudo”, os DPs modificados por “tudo” só apresentam flexão de número no determinante (o nome nunca aparece flexionado em número). Cançado (2006) também salienta a opcionalidade de o verbo estar (ou não) flexionado em número.

2            Os itens a que estamos chamando de “série de todo-*all*” são “todo” e suas flexões (“toda”, “todos”, “todas”). O termo “todo-*all*” será usado para diferenciar o uso de “todo” significando *all* (nosso objeto de interesse), do uso de “todo” significando *every*.

Também pela constatação das semelhanças (e diferenças) com os itens da série “todo-*all*”, argumentaremos que a forma “tudo”, que aparece obrigatoriamente na ordem [DP+tudo], embora morfologicamente invariável, possui traços- $\phi$  de número. Embora não expliquemos, neste artigo, a questão do movimento do DP da posição final para a posição inicial do sintagma nominal, nossa hipótese, ainda preliminar, é que a obrigatoriedade da ordem [DP+tudo] parece ter relação com a defectividade de traços- $\phi$  de “tudo”, pois um item dessa natureza só pode figurar à esquerda do DP, em PB, se exprime concordância “forte” para com ele, isto é, se exprime concordância de gênero e número com o nominal associado.

O artigo se encontra estruturado da seguinte forma: na seção 1, analisamos as ocorrências de “tudo” coloquial em PB, diferenciando-as do uso tradicional de “tudo” previsto pela tradição gramatical de cunho normativo; na seção 2, analisamos a literatura sobre o fenômeno de *Q-float*, assumindo, para nossa análise, a vertente com enclaxe (SPORTICHE, 1998), e buscando respaldo teórico para tratar “tudo” como um núcleo funcional – o qual rotularemos como Q, embora o estejamos tratando não como um quantificador universal, mas como um modificador de grau (VICENTE & QUADROS GOMES, 2013) – que projeta um QP, selecionando/subcategorizando um DP como complemento; na seção 3, discutimos a questão dos traços- $\phi$  de “tudo” e analisamos como se estabelecem as relações de concordância entre “tudo” e o nominal a ele associado; na seção 4, discutimos o efeito maximalizador de “todo-*all*” e como esse efeito semântico é captado sintaticamente na teoria de graus proposta por Vicente & Quadros Gomes (2013), estendendo-a a “tudo”; na seção 5, propomos, finalmente, a sintaxe das sentenças episódicas em que “tudo” ocorre, e propomos um tratamento sintático uniforme para “tudo” e “todo” nas sentenças de leitura genérica, em que esses itens ocorrem com nomes nus; na seção 6, apresentamos, finalmente, nossas conclusões/considerações.

## 1 OCORRÊNCIAS DE “TUDO” COLOQUIAL

Como Cançado (2006) já havia observado, algumas variedades do PB apresentam, em contextos informais de fala, um uso produtivo da palavra “tudo” (como em (2)), diferente de seu uso de prestígio previsto pela tradição gramatical de orientação normativa (como em (3)).

(2) Comi as maçã tudo (que havia no prato).

(3) Comi tudo (que havia no prato).

(adaptado de Cançado, 2006, p. 157)

Segundo Cançado (2006), a ocorrência “conservadora” de “tudo” em (3) tem o valor de um DP pleno, o que seria evidenciado se parafraseássemos “tudo”, nessa sentença, pelo sintagma nominal pleno “todas as coisas”<sup>3</sup>, ao passo que a mesma paráfrase para “tudo” em (2) geraria uma sentença agramatical; por outro lado, a paráfrase de “tudo” em (2) por “todas” seria perfeita, enquanto não

<sup>3</sup> A autora relata que a paráfrase não é semanticamente perfeita pelo fato de “tudo” ser massivo, isto é, não dar visibilidade às partes que compõem sua restrição inerente de quantificação, ao passo que “todas as coisas” é contável. Porém, assegura a boa compatibilidade da paráfrase.

seria possível essa mesma paráfrase (em contextos *out of the blue*) para “tudo” em (3). De acordo com a autora, pelo uso de “tudo” em (2), estamos lidando com um “quantificador” nu, que toma como restrição um sintagma nominal externo a ele.

Conforme observamos nos exemplos a seguir, de (4) a (6), “tudo” pode ocorrer com DP sintaticamente plural (em (4)), com DP sintaticamente singular que denote um conjunto atômico de entidades (em (5)) ou mesmo com nomes nus (em (6)):

- (4) Enviaram os diário tudo ontem.
- (5) O pessoal tudo chegando atrasado, e eu vou ficar calado?
- (6) Político é tudo corrupto.

As ocorrências de “tudo” de (4) a (6) apresentam similaridade com as ocorrências dos itens da série “todo-*all*” (CANÇADO, 2006), conforme evidenciado pelas sentenças em (7):

- (7) a. Enviaram os diários todos ontem.
- b. O pessoal todo chegando atrasado...
- c. Todo político é corrupto.

Além disso, como observado por Cançado (2006), “tudo”, assim como “todo-*all*”, pode aparecer em outras posições sintáticas além da posição adjacente ao DP modificado; esse fenômeno tem sido chamado na literatura de *Q-float*, isto é, “flutuação de Q(quantificador)”, em virtude do fato de que, mesmo em uma posição distante à direita da sentença, um item dessa natureza tem escopo sobre um DP que está mais alto na estrutura, conforme mostrado em (8):

- (8) a. (\*Tudo) os documento (tudo) foi/foram (tudo) enviado (tudo).
- b. (Todos) os documentos (todos) foram (todos) enviados (todos).

Em qualquer uma das posições possíveis para ocorrência de “tudo/todos” nas sentenças em (8), há a modificação do DP “os documento(s)”. Apesar de “tudo” possuir distribuição semelhante à de “todo-*all*”, há restrições que impossibilitam que “tudo” de apareça à esquerda do DP que modifica, encabeçando o sintagma nominal, o que não acontece com “todo-*all*”.

Cançado (2006) aponta que tal restrição pode estar relacionada à queda das marcações de plural em registros coloquiais do PB: quando há queda da concordância no DP, apenas o elemento mais à

esquerda é que carrega a flexão morfológica de número, conforme ilustrado em (9).

- (9)
- a. As menina branquela feliz
  - b. \*A meninas branquela feliz
  - c. \*A menina branquelas feliz
  - d. \*A menina branquela felizes

(Cançado, 2006, p. 165)

De acordo com Cançado (2006), já que esse uso de “tudo” é coloquial e que “tudo” é um item invariável morfológicamente em gênero e número, espera-se que ele não possa encabeçar um DP, como (9) parece evidenciar. Já Lacerda (2012), para explicar a agramaticalidade de tudo+DP, levanta a hipótese de que “tudo” não possui traços- $\phi$ , sendo “incapaz de estabelecer a concordância com a flexão verbal em T<sup>0</sup>” (LACERDA, 2012, p. 52). Em (10), por exemplo, nem a morfologia *default* de singular é capaz de salvar a sentença, que, segundo Lacerda (2012), estará fadada a não convergir pela ausência da concordância:

(10)

- a. \*Tudo os alunos fez a prova.
- b. \*[<sub>TP</sub> T <sub>$\phi$</sub> +fazer [<sub>VP</sub> [QP tudo<sub>[ $\phi$ -]</sub>] [<sub>DP</sub> os alunos]] [<sub>VP</sub> a prova]]]
- └── \*Agree ───┘

(Lacerda, 2012, p. 53)

Em relação à obrigatoriedade da ordem DP+tudo, embora deixemos a questão em aberto para estudos futuros, nossa hipótese, a qual não exploraremos no presente artigo, é de que há uma relação entre esse fenômeno e a defectividade de traços- $\phi$  de “tudo”. O fato de “tudo” não poder figurar em ordem tudo+DP não necessariamente evidencia que ele não tenha traços- $\phi$ , mas pode evidenciar, conforme acreditamos, que o conjunto de traços que ele porta não é suficiente para valorar todos os traços não-interpretáveis da sonda em T<sup>0</sup>.

Antes de prosseguir a argumentação, faz-se necessário analisar brevemente a literatura em relação ao fenômeno de *Q-float*, para que possamos fundamentar teoricamente nossa análise.

## 2 “TUDO” É PROJETADO COMO UM QP

As duas principais vertentes de análise para *Q-float* na literatura são: (i) a vertente de análise adverbial para os quantificadores flutuantes (ou *adverbial view*, segundo Bobaljik (1995)), em que Qs são considerados como advérbios (BOBALJIK, 1995, 2001; BALTIN, 1995; BRISSON, 1998; entre outros); e (ii) a vertente de análise com encaixe (ou *trace view*), em que ambos, Q e DP, formam um constituinte a partir do qual o DP se movimenta, deixando Q encaixado (SPORTICHE, 1988; SHLONSKY, 1991; BOŠKOVIĆ, 2004; CIRILLO, 2009; entre outros).

Vamos assumir a vertente com encaixe, a partir das propostas de Vicente (2006) e Lacerda (2012) para o PB, assim como a de Shlonsky (1991) para o hebraico, de que Q é um núcleo funcional que seleciona como complemento um DP.

Ao analisar os dados do hebraico moderno, Shlonsky (1991) constatou que eles parecem sustentar fortemente o *insight* fundamental da proposta de Sportiche (1988), isto é, de que *Q-float* consiste no movimento à esquerda de um DP sujeito a partir de uma posição interna ao VP, deixando para trás o “quantificador” gerado adjacente a ele.

O primeiro passo de Shlonsky (1991) rumo à análise do fenômeno foi constatar que, no hebraico, um quantificador obrigatoriamente carrega consigo um clítico que deve concordar em gênero, número e pessoa com o DP associado, quando este aparece à esquerda de Q. Logo, Q é um elemento X<sup>0</sup>, isto é, um núcleo, não um especificador (contra ABNEY, 1987 apud SHLONSKY, 1991) ou um adjunto (contra SPORTICHE, 1988). Tal afirmação decorre simplesmente do fato de que no hebraico apenas núcleos, exceto adjetivos, podem hospedar pronomes clíticos.

Para o autor, construções com Q-final ([DP Q]) e com Q-inicial ([Q DP]) são, ambas, expressões de uma mesma categoria e de um mesmo nível na representação sintagmática, pois ambas podem aparecer nas mesmas posições. A validade dessa afirmação (e, conseqüentemente, da representação desse constituinte) pode ser atestada por testes de constituintes, como clivagem (11a-a’), pseudoclivagem (11b-b’), topicalização (11c-c’) e coordenação de constituintes (11d-d’):

### (11) *Clivagem*

a. Ze hayu kol ha-yeladim še-zarku ?avanim.

isso foram todas as-crianças que-jogaram pedras

‘Foram todas as crianças que jogaram pedras.’

a’. Ze hayu ha-yeladim kul-am še-zarku ?avanim.

isso foram as-crianças todas-[3MPL] que-jogaram pedras

‘Foram as crianças todas que jogaram pedras.’

### *Pseudoclivagem*

b. Mi-še zorek ?avanim ze kol ha-yeladim.

quem-que joga pedras isso todas as-crianças

‘Quem joga pedras são todas as crianças.’

b’. Mi-še zorek ?avanim ze ha-yeladim kul-am.

quem-que joga pedras isso as-crianças todas-[3MPL]

‘Quem joga pedras são as crianças todas.’

### *Topicalização*

c. Kol ha-yeladim, ?ani batu?ax še-zorkim ?avanim.

todas as-crianças, eu convicto que-jogam pedras

‘Todas as crianças, eu estou convicto de que jogam pedras.’

c’. Ha-yeladim kul-am, ?ani batu?ax še-zorkim ?avanim.

as-crianças todas-[3MPL], eu convicto que-jogam pedras

‘As crianças todas, eu estou convicto de que jogam pedras.’

### *Coordenação de constituintes*

d. ??etmol zarku štei banot ve-kol ha-banim ?avanim ?al ha-mora.

ontem jogaram duas garotas e-todos os-garotos pedras em o-professor.

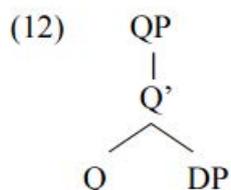
‘Ontem, duas garotas e todos os garotos jogaram pedras no professor.’

d'. ?etmol zarku štei banot ve-ha-banim kul-am ?avanim ?al  
ontem jogaram duas garotas e-os-garotos todos-[3MPL] pedras em  
ha-mora.  
o-professor.

‘Ontem, duas garotas e os garotos todos jogaram pedras no professor.’

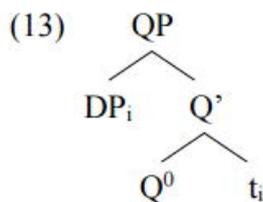
(Shlonsky, 1991, p. 163-164)

Pelas evidências em (11), Shlonsky (1991) assume que Q, em hebraico, é um núcleo funcional que seleciona/subcategoriza um DP encabeçado por um determinante definido, representando o constituinte sintático QP na ordem *default* [Q DP], como em (12):



(Shlonsky, 1991, p. 163)

Segundo Shlonsky (1991, p. 164, tradução nossa) “[devem-se] tomar as expressões com Q final como sendo derivadas daquelas com Q inicial por uma aplicação de *Move-α*, que põe o DP complemento de Q na posição de especificador de Q”<sup>4</sup>. Assim, na proposta do autor, a mesma estrutura subjacente se aplica às construções com Q final, ou seja, as construções com Q final derivam das construções com Q inicial por meio do movimento do DP para SpecQP.



(adaptado de Vicente, 2006, p. 106)

Vicente (2006), ao comparar o comportamento do item “todos” no DP do PB ao comportamento de *all* no inglês, chega à conclusão de que a estrutura [Q DP] no português envolve complementação (e

<sup>4</sup> No original: *Let us, then, take the Q-final expressions to be derived from the Q-initial ones by an application of Move-α, which preposes the DP complement of Q into the specifier position of Q.*

não, adjunção). Sua proposta para o PB, assim como a de Shlonsky (1991) para o hebraico, é a de que o “quantificador” é um núcleo,  $Q^0$ , que toma um DP como seu complemento, e esse DP pode mover-se para SpecQP caso Q porte, na numeração, um traço-EPP não-interpretável, que precisa ser checado/valorado antes de *Spell-out*.

Pela aplicação de testes de constituintes, como respostas a perguntas com extrações de sujeito e de objeto (14a-b), coordenação (14c-d) e deslocamento de constituinte à esquerda (topicalização) (14e), a autora constata que as sequências [Q DP] e [DP Q] são gramaticais em PB. Na verdade, não só esses, mas todos os testes aplicados para o hebraico por Shlonsky (1991) apresentam os mesmos resultados no PB.

(14) a. *Perguntas e respostas com extração de sujeito*

A: Quem odeia a Maria?

B: (Todas) as mulheres (todas).

b. *Perguntas e respostas com extração de objeto*

A: Quem a Maria odeia?

B: (Todos) os alunos (todos).

c. *Coordenação com DP lexical em posição de sujeito*

(Todos) os alunos (todos) e a Maria foram ao cinema.

d. *Coordenação com DP lexical em posição de objeto*

Ontem nós vimos (todos) os alunos (todos) e a Maria no cinema.

e. *Deslocamento para a esquerda*

(?Todos) os alunos (??todos), eu vi.

(Vicente, 2006, p. 85)

Os dados em (14) evidenciam, para Vicente (2006), a hipótese de que Q e DP no PB formam um constituinte sintático. Dessa forma, analogamente a Shlonsky (1991), Vicente (2006) considera que a configuração [DP Q] é obtida por meio de movimento do elemento nominal associado a Q para SpecQP, como ilustra (15):

(15) [os alunos]<sub>i</sub> todos  $t_i$

(Vicente, 2006, p. 98)

A possibilidade de ocorrência de Q-inicial e de Q-final mostram que tal constituinte pode reorganizar-se internamente a seu domínio no que diz respeito a seu ordenamento linear. Porém, conforme Sedrins (2011) e Lacerda (2012) argumentam, há problemas de minimalidade envolvidos nas propostas de Shlonsky (1991) e Vicente (2006) no que diz respeito ao movimento muito local do DP para SpecQP (internamente a QP), pois o movimento interno do DP da posição de complemento para a posição de especificador fere a Hipótese de Antilocalidade (GROHMANN, 2003, 2011 apud LACERDA, 2012), que proíbe que o movimento seja muito local; em outras palavras, é banido o movimento que não cruze pelo menos uma projeção máxima, como ilustra (16), abaixo.

(16) *Proibição de movimento de complemento para especificador*

\*[<sub>XP</sub> YP<sub>i</sub> [<sub>X'</sub> X<sup>0</sup> ~~YP<sub>i</sub>~~]]

(Grohmann, 2011 apud Lacerda, 2012, p.85)

Esse problema (somado a outros fatores) leva Sedrins (2011) a propor que a ordem [DP Q] seja obtida por adjunção de Q a DP, assim como leva Lacerda (2012) a propor que o sintagma nominal do PB apresenta camadas informacionais periféricas (de tópico e foco) acima do QP projetado por “todos/tudo”, para as quais o DP pode se movimentar. Essas propostas de Sedrins (2011) e Lacerda (2012) não serão contempladas em nossa análise.

Na verdade, objetivou-se explorar as análises de *Q-float* para o PB visando ao fornecimento do suporte teórico necessário para o tratamento de “tudo” como núcleo funcional no PB<sup>5</sup>. Assumindo o espírito da proposta em Sportiche (1988), argumentamos a favor de que Q e DP formam um único constituinte no momento inicial da derivação; com Shlonsky (1991), Vicente (2006) e Lacerda (2012), argumentamos que um item do tipo de “tudo/todo-*all*” projeta um QP, selecionando/subcategorizando um DP como complemento, conforme a representação em (12).

### 3 AS RELAÇÕES DE CONCORDÂNCIA INTERNAS AO SINTAGMA NOMINAL

Vejam novamente o comportamento de “tudo” em relação aos itens que seleciona para compor o sintagma nominal. Conforme já mostramos pelos exemplos de (4) a (6), “tudo” seleciona normalmente um DP plural como sua restrição (como em (17)), podendo ainda selecionar um DP sintaticamente singular que denote um conjunto atômico (como em (18)) ou nomes nus (como em (19)).

5 Vale ressaltar que, em nossa proposta, “tudo” não se trata simplesmente de um quantificador universal, mas de um modificador de grau. Por isso, os rótulos Q e QP que usamos em nossa análise atendem a nosso objetivo, que é lidar com sentenças em que “tudo” tem leitura quantitativa. Para uma discussão sobre a possibilidade de “tudo” gerar leitura de intensidade, encaminhamos o leitor a Cruz (2016).

- (17) a. Os diário tudo  
 b. \*O diário tudo (por exemplo, \**Enviaram o diário tudo hoje.*)
- (18) a. O pessoal tudo  
 b. \*A criança tudo (por exemplo, \**Ele molhou a criança tudo*)
- (19) a. Político é tudo corrupto.  
 b. \*O político é tudo corrupto.

Ainda que “tudo” possa ocorrer com DPs singulares, vemos que não se trata de qualquer DP singular (como evidenciado pela agramaticalidade de (17b), (18b) e (19b)): “tudo” impõe certas restrições semânticas a esse DP, o qual deve necessariamente denotar um conjunto de entidades. Uma vez que a noção de pluralidade é essencial para a restrição de “tudo”, firmamos como hipótese que “tudo” tem traços não-interpretáveis de número que precisam ser checados/valorados com o DP via *Concord*<sup>6</sup>, embora essa marcação não seja morfológicamente marcada, por motivos que desconhecemos.

O contrário se pode afirmar a respeito de traços de gênero, sabendo que “tudo” é uma forma não marcada morfológicamente também para gênero. Como mostram os dados em (20), não há restrição à seleção do DP em relação a gênero:

- (20) a. Os cachorro tudo  
 b. As menina tudo  
 c. Isso tudo

Observa-se, em (20), a possibilidade de ocorrência de “tudo” com o pronome neutro, cuja ocorrência não é possível com “todo-*all*” marcado morfológicamente para gênero masculino ou feminino, conforme ilustrado em (21):

- (21) a. esses / essas / isso tudo  
 b. esses / \*isso todo(s)  
 c. essas / \*isso toda(s)

<sup>6</sup> *Concord*, a grosso modo, trata-se do estabelecimento de concordância nominal por meio de checagem/valoração *in situ* de traços- $\phi$  dos elementos nominais.

A priori, parece-nos que os dados em (20) e (21) constituem evidência para afirmarmos a defectividade de “tudo” em relação a traços de gênero<sup>7</sup>.

Também especulamos que “tudo” pode ser defectivo em relação a traços de pessoa, dada a impossibilidade de ocorrência da ordem [tudo+DP] em posição de sujeito, o que é evidenciado pela sua incapacidade, de acordo com Lacerda (2012), de concordar com a flexão verbal (conforme mostramos em (10)). Em virtude dessas observações superficiais, que merecem melhor atenção em estudos posteriores, podemos firmar como hipótese que “tudo” é defectivo em relação aos traços-φ normalmente esperados para uma forma nominal. Dessa forma, propomos que “tudo” se comporta de modo “peculiar” em relação à concordância nominal: só valora seu traço-φ de número, o único traço-φ que possui. A seguir, apresentamos, especificamente, como a concordância se estabelece no sintagma nominal por meio de *Concord*.

Seguiremos Magalhães (2004) ao assumir que, em PB, (i) D porta traços interpretável de número e não-interpretável de gênero; (ii) N porta traços não-interpretável de número e interpretável de gênero; (iii) ambos portam traço não-valorado de Caso.<sup>8</sup> Assumiremos, também, de modo análogo a Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) em relação a “todo-*all*”, que “tudo” entra na derivação portando traço não-interpretável de número, traço não-valorado de Caso, e o traço de grau,  $\forall$ , com valor “máximo” (relevante para Deg). Assim, *Concord* ocorre conforme ilustrado em (22):

- (22) a.  $[_{DP} [_D, as_{\{PIN; uG; uCaso\}} [_{NP} [_N, pizza_{\{uN; FemG; uCaso\}}]]]]]$   
 b.  $[_{DP} [_D, as_{\{PIN; FemG; uCaso\}} [_{NP} [_N, pizza_{\{PIN; FemG; uCaso\}}]]]]]$   
 c.  $[_{QP} [_Q, tudo_{\{uN; \forall DEG; uCaso\}} [_{DP} [_D, as_{\{PIN; FemG; uCaso\}} [_{NP} [_N, pizza_{\{PIN; FemG; uCaso\}}]]]]]]]]]$   
 d.  $[_{XP} [_{DP} as_{\{PIN; FemG; uCaso\}} [_{NP} pizzas_{\{PIN; FemG; uCaso\}}]]] [_{QP} [_Q, tudo_{\{PIN; \forall DEG; uCaso\}} t_i]]]$

7 Foram-nos reportados dois dados de escrita (em (i) e (ii)), em que “tudo” apresenta marcação morfológica de gênero. Os dados foram coletados na internet, em contextos que envolviam certo tom debochado, jocoso. É interessante perceber que, embora “tudo” normalmente não tenha traços de gênero, o falante prevê, pela regularidade do sistema, que um item de valor nominal possa realizar concordância morfológica de gênero com os demais itens que compõem o sintagma nominal. É interessante notar, também, que, ainda nesses casos, “tuda” aparece posposto ao DP:

- (i) Segura umas pra mim, senão o pessoal vai comer as pamonha tuda.  
 (ii) ... pras mina tuda

8 De acordo com Magalhães (2004), postular que os traços de número são interpretáveis no determinante – contrariamente a Chomsky (1995-2001), que afirma que os traços de número são interpretáveis no nome – pode explicar o motivo de, em dialetos coloquiais do PB, a concordância de número aparecer explícita apenas no determinante.

A autora assume com Abney (1987) que a relação seletional entre D e N se dá de modo semanticamente semelhante entre I e o DP sujeito; ou seja, N funciona para D da mesma forma que Infl para o sujeito. “Na sentença, os traços de número são interpretáveis no sujeito (argumento) e não-interpretáveis no verbo (predicado). O mesmo acontece no DP: traços de número são interpretáveis no D (argumento de N) e não-interpretáveis em N (predicado)” (MAGALHÃES, 2004, p. 161). Assim, em termos de concordância entre predicado/argumento, a autora traça um paralelo entre o nível da sentença e o nível do DP, mostrando que a concordância tende a desaparecer no predicado (que possui traços não-interpretáveis), mas manter-se no argumento (que possui traços interpretáveis):

- (i) a. Nós vai.  
 b. As menina.

Seguindo o raciocínio de Magalhães (2004), se a tendência no enfraquecimento da concordância é que os argumentos, que possuem traços interpretáveis, mantenham seus traços morfológicos de número, pode-se dizer que o mesmo se dá dentro do sintagma nominal: a realização morfológica de número se mantém no item que possui traços interpretáveis.

O passo a passo em (22) é o seguinte: em (22a), ocorre *merge* entre D e o NP, sendo que D tem traço interpretável de número [plural] e N tem traço interpretável de gênero [feminino]; em (22b), o traço não-interpretável de gênero de D é valorado como [feminino], enquanto o traço não-interpretável de número de N é valorado como [plural]; em (22c), Q é *merged* portando seu traço de número não-interpretável (e os demais supracitados); em (22d), ocorrem a valoração do traço de número de “tudo” como [plural] e, então, o movimento do DP internamente ao sintagma nominal para uma posição mais alta que QP.

Conforme demonstramos, o movimento do DP para uma posição mais alta que Q é obrigatória, porém, ainda não sabemos necessariamente o que o motiva. Dessa forma, adiaremos para estudos futuros uma investigação mais profunda.

#### 4 O EFEITO MAXIMALIZADOR DE “TUDO” CAPTADO PELA TEORIA DAS EXPRESSÕES DE GRAU

Em sua abordagem para o inglês, Brisson (1998) encara *all* como uma espécie de operador semântico que atua na semântica dos sintagmas nominais plurais e na estrutura do evento, causando um efeito de “fortalecimento” no domínio de distribuição do evento sobre uma pluralidade atômica denotada pelo sintagma nominal plural que a autora chama de *maximalização*. Por exemplo, ao comparar as sentenças *The boys are hungry* e *The boys are all hungry*, vemos que a primeira possibilita não-maximalidade (ou enfraquecimento pragmático), isto é, seu valor de verdade se mantém se, de um vasto conjunto de garotos denotado por *the boys*, nem todos os garotos estejam com fome, enquanto a segunda exclui a possibilidade haver garotos que não estejam com fome. A autora assume a análise de Schwarzschild (1992, 1994, 1996 apud BRISSON, 1998), chamada de “distributividade generalizada”, que propõe que há predicados que podem ser verdadeiros em uma leitura a que podemos chamar “distributividade intermediária” (BRISSON, 1998) – em que a distributividade é aplicada a subpluralidades de um sujeito plural, mas não a todos os seus átomos, e as subpluralidades relevantes serão crucialmente determinadas pelo discurso. “A distribuição generalizada que Brisson assume permite a livre formação de células (*covers*) contendo livres associações entre objetos salientes no universo do discurso” (QUADROS GOMES, 2009, p. 20).

Os *covers* são um meio formal para fazer com que um operador de distributividade encoberto, “D”, cuja função é introduzir quantificação universal sobre os átomos do conjunto denotado pelo DP, se estenda não somente sobre os átomos de uma pluralidade, mas sobre subpluralidades de uma pluralidade; assim, um operador D sempre é acompanhado de uma variável que seleciona um domínio de acordo com o contexto, *Cov*, cujo valor sempre forma um *cover* do universo do discurso. De acordo com Brisson (1998), Schwarzschild argumenta que o *cover* relevante, sobre o qual o operador D se estenderá, é determinado em larga medida pelo contexto de enunciação: ou seja, as “células” do *cover* serão compostas por quaisquer que sejam as subpluralidades pragmaticamente salientes. Vejamos um exemplo de como esse ferramental funciona para interpretar uma sentença como em (23), *The boys ate a sandwich*, captando o enfraquecimento pragmático (ou não-maximalidade):

(23) The boys ate a sandwich.

a.  $({}^D(\text{Cov}_i)(\text{ate.a.sandwich}'))(\text{the.boys}')$

b.  $\forall x[x \in [\text{Cov}_i] \ \& \ x \subseteq [\text{the.boys}'] \rightarrow x \in [\text{ate.a.sandwich}']]$

c.  $U = \{a, b, c, s, t, \{a,b\}, \{a,c\}, \{a,s\}, \{a,t\}, \{a,s,t\} \dots\}$

$[\text{the.boys}'] = \{a,b,c\}$

$I = \{\{a\}, \{b\}, \{c\}, \{s,t\}\}$

$J = \{\{a\}, \{c\}, \{b,s,t\}\}$

$K = \{\{a,b,c\}, \{s,t\}\}$

$L = \{\{a,b\}, \{c,s,t\}\}$

(Brisson, 1998, p. 79)

Em (23b), temos a interpretação da sentença: para ser verdadeira,  $x$  precisa ser subconjunto da descrição definida *the boys* e, simultaneamente, precisa fazer parte do *cover* que equivale ao valor atribuído à variável *Cov*. Em (23c), representaram-se (i)  $U$  como o universo do discurso, que contém quaisquer elementos que estejam contextualmente salientes para o falante (tanto garotos ( $a$ ,  $b$ , e  $c$ ) quanto outros objetos/seres ( $s$  e  $t$ ), por exemplo), (ii) a extensão da descrição definida *the boys*, e, (iii) de  $I$  a  $L$ , possíveis *covers* que poderiam ser formados por livre associação a partir de  $U$ . Se o valor atribuído a *Cov* fosse  $I$ , haveria a leitura distributiva da sentença. Já se o valor de *Cov* fosse  $K$ , haveria a leitura coletiva<sup>9</sup>.

Se atribuíssemos os valores  $J$  ou  $L$  a *Cov*, observaríamos que alguns elementos estranhos à denotação do DP estariam “presos” em uma célula desses *covers* com um elemento pertencente à sua denotação. Por isso, essas “células fora da medida”, nos termos de Quadros Gomes (2009), (chamadas por Brisson de *ill-fitting covers*) não serviriam ao domínio de distribuição da predicação, sendo descartadas, mesmo contendo um indivíduo pertencente à extensão do DP. Se *all* fosse inserido na sentença, serviria como uma espécie de filtro que interagiria com *Cov*, eliminando a possibilidade de existência de células fora da medida (*ill-fitting covers*), ajustando, segundo Quadros Gomes (2009), o domínio de distribuição do predicado, de modo que todas as células do *cover* fossem formadas unicamente pelas entidades pertencentes à extensão do DP e somente elas.

<sup>9</sup> A autora menciona o fato de ser problemática a atribuição da quantificação universal por parte do operador  $D$  a um domínio singular, mas afirma que assumir tal possibilidade é desejável, já que captura a ocorrência de *enfraquecimento pragmático* em predicados coletivos e a possibilidade de *all* ocorrer com alguns desses predicados. Portanto, no fim das contas, a autora propõe que ambos os predicados, coletivos e distributivos, contenham um operador  $D$ .

Por meio de evidências coletadas a partir da comparação entre “cada” e “todos” em estudos experimentais, Lima (2013) evidencia, fundamentada pela análise de Brisson (1998, 2003 apud LIMA, 2013), que “todos”, em PB, associado a um DP plural, acarreta efeito de maximalidade, da mesma forma que *all*, no inglês. A autora também assume com Brisson (1998) que “todos” não afeta as condições de verdade da sentença; dito de outra forma, a denotação de um DP sem “todos” é a mesma de um DP com “todos”. “Todos” apenas não permite não-maximalidade, conforme os resultados dos experimentos de Lima (2013) atestam.

Em relação à classificação de “todo-*all*”, segundo Vicente & Quadros Gomes (2013), não raro a literatura tem dispensado dois tratamentos para esse item, classificando-o ora como um quantificador-D, ora como um quantificador-A (pelo fato de “todo-*all*” poder gerar, também, leituras de intensidade). Vicente & Quadros Gomes (2013, p. 113) consideram equivocado tal tratamento, pois “a classificação em quantificador ou intensificador não só não cabe, como a divisão em classes não ajuda em nada a análise sintática e semântica das línguas naturais”.

As autoras propõem que o item lexical “todo” seja encarado como um único operador semântico, cuja função é sempre saturar ao grau máximo a relação entre um argumento e seu predicador. Em outras palavras, “todo” eleva ao grau máximo a participação de um argumento no evento. Assumiremos tal proposta em nossa análise, considerando que rotular “tudo” (na qualidade de item pertencente à série “todo-*all*”) como quantificador é inadequado se pretendemos abarcar, também, essa análise unificada; portanto, utilizaremos o rótulo “modificador de grau”, proposto por Vicente & Quadros Gomes (2013).

Ao assumir tal proposta, estaremos pressupondo a análise de grau que as autoras estendem a “todo-*all*”.<sup>10</sup> Vicente & Quadros Gomes (2013) mostram que adjetivos de grau projetam na sintaxe uma camada funcional de grau, DegP, (i) que tem por núcleo um grau (*degree*), e (ii) que é capaz de alocar modificadores de grau; além de mostrar que adjetivos de grau são considerados semanticamente como “relacionais”, isto é, relacionam dois graus – um grau de parâmetro definido pelo contexto e outro aplicado ao DP pelo adjetivo de grau. Além disso, as autoras adotam a proposta de Kennedy & McNally (2005), que postula a existência de variedades de configuração lógica das escalas dimensionadas pelos adjetivos de grau; isso quer dizer que cada adjetivo de grau projeta um tipo de escala. “Basicamente, a escala pode ser aberta, fechada apenas no grau mínimo, apenas no grau máximo ou em ambos. Assumindo essa variação, os autores mostraram que cada M[odificador de] G[rau] seleciona um tipo de escala” (VICENTE & QUADROS GOMES, 2013, p. 119).

Conforme evidenciam os dados, extraídos de Vicente & Quadros Gomes (2013), em (24), o modificador de grau “todo”, de acordo com as autoras, seleciona uma escala fechada no grau mínimo e a satura ao grau máximo, retornando uma escala fechada e preenchida de modo contínuo (em todo o intervalo entre os graus mínimo e máximo).

10 Para uma discussão detalhada, remetemos o leitor às considerações de Vicente & Quadros Gomes (2013) e Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016).

(24) a. A montanha é *muito/\*toda* alta. (ALTURA: escala aberta)

b. Meu bolso está *bastante/\*todo* vazio. (OCUPAÇÃO: escala fechada tanto no grau máximo quanto no mínimo)

c. Essa colher está *muito/toda* suja. (LIMPEZA: escala fechada apenas no grau mínimo)

(Vicente & Quadros Gomes, 2013, p. 120)

Em relação a (24), pode-se dizer que uma colher está suja desde que ela esteja minimamente suja e, assim, será possível sujá-la ainda mais. Porém, uma colher *toda suja* possui um grau máximo de sujeira, de modo que é impossível sujá-la ainda mais. De acordo com as autoras, o mesmo pode ser dito em relação a “adjetivos psicológicos”, que sempre aceitam modificação por “todo”.

(25) a. Ele foi *muito/todo* fofo comigo.

b. Essa menina é *muito/toda* sedutora.

c. Pedro é *muito/todo* saudável.

(Vicente & Quadros Gomes, 2013, p. 121)

Os adjetivos de grau das sentenças em (25) também representam escalas fechadas em grau mínimo: segundo Vicente & Quadros Gomes (2013), se alguém foi sutil e minimamente fofo para comigo, pode-se dizer que esse alguém foi fofo; e se esse alguém foi “todo fofo”, o foi num grau máximo, sem que possa ter sido ainda mais fofo em outra situação.

Seguindo o raciocínio desenvolvido em Vicente & Quadros Gomes (2013), poder-se-ia, também, analisar as relações de predicação sentencial como escalas que medem o grau de participação dos componentes da extensão do argumento no evento, numa escala de zero a cem por cento. Vamos tomar como exemplo as sentenças em (26):

(26) a. Os menino comeu a pizza.

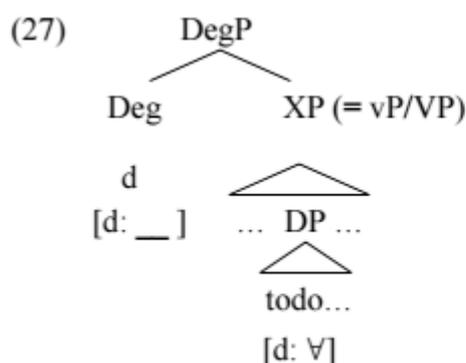
b. Os menino tudo comeu a pizza.

Em (26a), por exemplo, as condições de verdade da sentença requerem a aplicação da predicação sobre uma mínima parte da extensão do argumento externo, ou seja, de um grande grupo de garotos, somente uma quantidade mínima (em relação a um parâmetro estabelecido contextualmente) precisa

ter comido a pizza para que a sentença seja verdadeira: por analogia, tal evento é uma escala fechada em grau mínimo. Dessa forma, conseguimos captar numa análise de graus o que Brisson (1998) descreveu como não-maximalidade no domínio de distribuição do predicado. Já a sentença em (26b) mostra o efeito semântico de maximalização que a presença do modificador de grau opera sobre a extensão do DP argumental ao qual a predicação é aplicada: todos os componentes integrantes da extensão do DP participaram do evento de comer a pizza. Assim, “tudo”, como modificador de grau, eleva ao grau máximo o valor da escala, retornando a ideia de que cem por cento da extensão do DP participou do evento. Em outras palavras, “tudo” (assim como “todo-*all*”) sempre opera sobre escalas, modificando o grau de participação dos componentes da extensão de um DP no evento denotado pelo verbo para máximo.

## 5 PROPONDO A SINTAXE DE “TUDO”

Assumir que “tudo” tenha escopo sobre as relações de predicação requer que esse modificador de grau, na sintaxe, c-comande a projeção em que ocorre *merge* entre o evento e seu argumento, a fim de gerar leitura quantificacional. No modelo proposto por Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) (o qual assumimos para a derivação de sentenças com “tudo”), “todo-*all*”, considerado um elemento com propriedades A', entra na derivação sempre portando um traço de grau (*degree feature*),  $\forall$ , com valor “máximo”, relevante para o núcleo d do sintagma de grau DegP, conforme ilustrado em (27):



(Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho, 2016, s. n.)

Os autores também assumem que DegP é uma projeção funcional periférica, que figura em domínio A' (invisível ao DP ou à sonda- $\Phi$  de T, portanto), cujo núcleo deve entrar em relação de *Agree* com o modificador de grau “todo-*all*”, a fim de valorar seu traço de grau para o valor “máximo”. Tal operação ocorre paralelamente à de *Concord* entre Q e DP (para lidar com isso, os autores adotam em sua análise a proposta de “cisão de traços” de Obata & Epstein (2011 apud VICENTE, QUADROS GOMES & LUNGUINHO, 2016). Nas sentenças com leitura quantificacional, conforme dissemos, DegP pode ser projetado sobre as relações de predicação sentencial primárias: ou seja, sobre vP (lugar em que o argumento externo é gerado na base) ou VP (lugar em que o argumento interno é gerado na base), como ilustra (28):

(28)  $[_{DegP} [_{Deg'} deg [_{VP} [_{V'} v [_{DegP} [_{Deg'} deg [_{VP} [_{V'} V]]]]]]]]]]]$

(Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho, 2016, s. n.)

A representação acima, em (28), mostra que, em sentenças em que o grau de participação do argumento interno no evento é modificado pelo modificador de grau, DegP é projetado sobre VP, ao passo que, quando o grau de participação do argumento externo no evento é modificado, DegP é projetado sobre vP. A projeção de DegP na sintaxe sobre uma relação predicativa primária ocorrerá se (e somente se) houver mapeamento do grau de participação do DP no evento; ou seja, a projeção se dará somente sobre a relação predicativa ajustada pelo modificador de grau. Os exemplos a seguir, em (29), constituem as etapas iniciais na derivação de sentenças com leitura quantificacional.

(29) a. Os menino gastou as moeda tudo. (argumento interno)

$[_{DegP} [_{Deg'} d [_{VP} [_{V'} gastar [[as moeda]_i tudo t_i]]]]]$

b. Os menino tudo gastou as moeda. (argumento externo)

$[_{DegP} [_{Deg'} d [_{VP} [[Os menino]_i tudo t_i] [_{V'} v [_{VP} [_{V'} gastar [as moeda]]]]]]]]]$

Havendo a inserção de DegP na derivação, há a valoração do traço não-interpretável de grau do núcleo *d* via *Agree* com “tudo”, que porta o traço  $\forall$ , que, de acordo com os autores, fornece a interpretação de maximalização, em que o grau de participação da extensão do DP no evento é total. Se o núcleo *d* for selecionado para a numeração com um traço [+EPP], a valoração dos traços do núcleo desencadeará movimento do modificador de grau para Deg, e, conseqüentemente, haverá *Q-float* (ver (30c)); do contrário, na ausência de um traço EPP em *d*, a valoração ocorre *in situ*, podendo o modificador de grau e o nominal a ele associado permanecer na posição de origem (ver (30a)<sup>11</sup>) ou se deslocar por *pied-piping* para SpecTP (ver (30b)).

(30) a. Os menino gastou as moeda tudo.

$[_{TP} [_{DP} Os menino]_k [_{T'} gastou]_j [_{VP} t_k [_{V'} t_j [_{DegP} [_{Deg'} d_{[-EPP]} [_{VP} [_{V'} t_j [_{DP} ^{12} [as moeda]_i [tudo t_i]]]]]]]]]]]]]$

b. Os menino tudo gastou as moeda. (*d* [-EPP]  $\Rightarrow$  *Agree in situ*)

11 Agradecemos aos pareceristas anônimos da revista por nos ter apontado a problemática, em nossa análise, de um núcleo de grau portar um traço [+EPP] em sentenças como (30a), em que o DP argumento interno é modificado por “tudo”; pois, nesses casos, “tudo” se superficializaria à esquerda do DP. Embora nossos dados não mostrem a ocorrência de “tudo” anteposto ao DP modificado por ele, fato que nos levou à generalização de que “tudo” não pode ocorrer à esquerda do DP modificado, alguns autores – a exemplo de Lacerda (2012) – atestam a suposta gramaticalidade de dados como “Dei TUDO os livro ontem pra Maria.” (LACERDA, 2012, p. 53), em que “tudo” é focalizado e figura à esquerda do DP.

12 O rótulo “DP” foi usado para ressaltar que o DP se movimenta, inicialmente, para uma projeção interna ao sintagma nominal, acima de QP (conforme vimos na seção 3).

$[_{TP}[_{DP}[\text{os menino}]_k [_{\text{tudo}}]_q] [_T, \text{gastou}]_j [_{\text{DegP}}[_{\text{Deg}}' d_{[-EPP]}] [_{VP}[_{t_k} [_{t_q} t_k]]] [_{v'} t_j [_{VP}[_{v'} t_j] [_{DP} \text{as moeda}]]]]]]]]]$

c. Os menino<sub>i</sub> gastou tudo<sub>j</sub> as moeda.  $(d [+EPP] \Rightarrow Q\text{-float})$

$[_{TP}[_{DP} \text{Os menino}]_k [_T, \text{gastou}]_j [_{\text{DegP}}[_{\text{Deg}}' [\text{tudo}_q + d_{[+EPP]}] [_{VP}[_{t_k} [_{t_q} t_k]]] [_{v'} t_j [_{VP}[_{v'} t_j] [_{DP} \text{as moeda}]]]]]]]]]$

Em relação a sentenças em que “tudo” ocorre com nomes nus, argumentamos que as ocorrências de  $[N_{nu} \dots + \text{tudo}]$  e  $[\text{todo} + N_{nu}]$  poderiam ser acomodadas uniformemente pelo modelo derivacional proposto. Vale lembrar que os nomes nus têm sido analisados pela literatura como predicados (+pred) (CHIERCHIA, 1998; LONGOBARDI, 1994, 2001).

Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) atentam para o fato de que tais estruturas têm somente leitura quantificacional – em (31), por exemplo, “todo” relaciona dois conjuntos (o conjunto dos humanos e o conjunto dos mortais), garantindo que todos os elementos do conjunto denotado pelo nome nu sejam também membros do conjunto denotado pelo predicador. Duas outras observações que os autores fazem, cruciais para a análise que propõem, é que, nos casos de combinação entre “todo” e nome nu, (i) não é possível a flutuação de Q, (ii) tampouco o reordenamento dos dois constituintes internamente ao DP:

(31) a. Todo homem é mortal.  $([todo + N_{nu}] \checkmark OK)$

b. \*Homem é todo mortal.  $(*Q\text{-float})$

c. \*Homem todo é mortal.  $(*[N_{nu} + todo])$

(Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho, 2016, s. n.)

Partindo dessas observações, os autores levantam a hipótese de a impossibilidade de reordenamento interno ao DP poder ser consequência da estrutura funcional de nomes nus, aparentemente menos articulada que a de DPs plenos (que permitem reordenamento). Ao postular a projeção de um DegP nessas sentenças, os autores indicam que DegP toma em seu escopo tanto o sujeito e o predicado de *individual-level* (o adjetivo “mortal”) quanto o tempo verbal (o verbo copulativo, *ser*, que, de acordo com os autores, tem papel fundamental em determinar o estatuto do predicado como *individual-level*), portanto, o ponto de inserção de DegP na sentença, de acordo com a proposta dos autores, seria sobre TP.

Se compararmos as sentenças em (31) com as sentenças em (32), que mostram que “tudo” também seleciona nomes nus, vemos que há diferenças nas posições em que esses modificadores de grau podem se superficializar:

(32) a. \*Tudo cachorro é bonzinho.  $(*[tudo + N_{nu}])$

b. \*Cachorro tudo é bonzinho.  $(*[N_{nu} + tudo])$

c. Cachorro é tudo bonzinho. (Q-float ✓OK)

Dessa forma, vemos que parece ser plausível a hipótese de que a estrutura funcional dos nomes nus pode ser menos rica que a de um DP pleno, o que impossibilita o rearranjo interno dos dois constituintes.

Ademais, os dados em (32) também mostram que só é possível, nessas estruturas, “tudo” flutuado. Se aceitássemos a hipótese de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) – de que DegP seria projetado sobre TP –, seria impossível captar as ocorrências de “tudo” em estruturas com nomes nus. Dessa forma, defendemos que o ponto em que DegP é projetado em sentenças com nomes nus e verbos copulativos não é sobre TP, como sugerem os autores, pois, uma vez que “tudo” é um elemento da série “todo-*all*”, não há motivos para que DegP seja projetado em pontos diferentes da sentença para cada um desses itens. Por isso, acreditamos, que o ponto de inserção de DegP em sentenças como (31a) e (32c) é sobre VP<sup>13</sup>.

Adotamos, seguindo Mateus *et al.* (2005), que o verbo copulativo, embora seja funcional (ou seja, embora fundamentalmente porte noções gramaticais, como tempo, modo e aspecto, e não tenha grade temática), é projetado na base em VP, sobre a *Small Clause* (cf. BERLINCK, DUARTE & OLIVEIRA, 2015). Consequentemente, estamos assumindo que, embora o predicador por excelência nessas construções seja o adjetivo, o local de projeção da cópula também estabelece relações de predicação – de acordo com Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), o verbo funcional tem papel fundamental em determinar o estatuto do predicado como *individual-level* (ou *stage-level*).

Parece-nos que, em (32c), envolvendo “tudo”, o núcleo Deg precisa portar, para a convergência da derivação, um traço [+EPP], que obrigará o movimento de “tudo” para d, ocasionando sua flutuação. Já nas sentenças envolvendo “todo”, como em (31a), o núcleo Deg precisa portar, para a convergência da derivação, traço [-EPP], que fará com que a expressão [todo + N<sub>nu</sub>] se desloque para SpecTP, passando por sobre DegP, que está em um domínio A', e, portanto, invisível ao nome nu, conforme ilustra (33)<sup>14</sup>, simplificadamente:

(33) a. Cachorro é tudo bonzinho.

[<sub>TP</sub> [<sub>Cachorro</sub>]<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> é<sub>j</sub> [<sub>DegP</sub> [<sub>Deg</sub> tudo<sub>q</sub> +d<sub>[+EPP]</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> t<sub>j</sub> [<sub>Small Clause</sub> [<sub>t<sub>q</sub> t<sub>i</sub></sub>] [bonzinho]]]]]]]]]]]]

b. Todo homem é mortal.

13 Vimos que, conforme ilustrado em (28), DegP é projetado sobre VP quando o argumento interno é modificado pelo modificador de grau. Nas sentenças com verbos copulativos, também argumentamos que o ponto de inserção de DegP é sobre VP. Tal afirmação não é contraditória ou um “remendo” ao sistema que vinha sendo proposto, visto que, em sentenças com esse tipo de verbo, vP não é projetado.

Em sentenças com nomes nus e outros tipos de verbos, como transitivos (i) e inergativos (ii), DegP é projetado sobre vP, de acordo com o modelo que propomos.

(i) Cavalo come tudo capim. / Todo cavalo come capim.

(ii) Político mente tudo igual. / Todo político mente igual.

14 Surge em nossa proposta um problema fundamental, para o qual ainda não temos resposta: se não há, no modelo minimalista, condição de boa formação da numeração, nada deveria impedir a seleção aleatória de Deg na numeração com ou sem EPP; com isso, deveríamos esperar a gramaticalidade das sentenças em (31b) e (32a), com o valor do EPP de Deg inverso ao que apresentamos em (33), o que não ocorre. Assim, levado às últimas consequências, o modelo que propomos prevê a sobregeração de sentenças com nomes nus. Por outro lado, poderíamos dizer que um Deg pode ser aleatoriamente selecionado para a numeração, com ou sem EPP, mas que, por critérios sintáticos independentes, a escolha de um Deg com ou sem EPP leva a derivação ao fracasso. Agradecemos, mais uma vez, aos pareceristas anônimos da revista pelo apontamento dessas observações, enriquecedoras para nossa análise.

[<sub>TP</sub> [<sub>Todo<sub>q</sub></sub> [<sub>homem</sub>]<sub>i</sub>] [<sub>T'</sub> é<sub>j</sub> [<sub>DegP</sub> [<sub>Deg</sub> d<sub>[-EPP]</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>v'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>Small Clause</sub> [<sub>t<sub>q</sub> t<sub>i</sub></sub>] [<sub>mortal</sub>]]]]]]]]]]]]

A diferença na linearização dos dois modificadores de grau em relação aos nomes nus é, em nossa proposta, fruto da presença ou ausência de um traço EPP no núcleo Deg selecionado para a numeração, o que nos permite captar o fenômeno de um modo mais uniforme, sem postular que DegP seja projetado em dois lugares diferentes, a depender do modificador de grau presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos fornecer a sintaxe para as ocorrências do uso de “tudo” coloquial em PB, em sentenças com leitura quantitativa. Ao evidenciar que o uso coloquial de “tudo” manifesta algumas propriedades semelhantes aos itens da série “todo-*all*”, pudemos (i) buscar embasamento na literatura para tratar “tudo” como um núcleo, X<sup>0</sup>, capaz de selecionar um DP; (ii) estender a proposta de Vicente & Quadros Gomes (2013) a esse item, tratando-o como um modificador de grau, cuja função é ajustar relações de predicação, elevando ao grau máximo a participação de um argumento num determinado evento; dito de outro modo, “tudo” é um maximalizador (nos termos de Brisson (1998) e Lima (2013)), que requer que a todas as partes integrantes da denotação do DP, sem exceção, seja distribuído o evento.

Também procuramos uniformizar a sintaxe de “todo-*all*” e “tudo” quanto à ocorrência em estruturas com nomes nus e verbos copulativos, assumindo que o sintagma de grau, nesses casos, é projetado sobre VP, projeção em que o verbo copulativo é gerado na base, de acordo com Matheus *et al* (2003) e Berlinck, Duarte & Oliveira (2015) (e não sobre TP, como assumido por Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016)). A diferença na linearização dos dois itens é captada, então, pela presença ou ausência de um traço EPP no núcleo de grau selecionado para a numeração.

Esperamos ter fornecido, de forma preliminar, algumas respostas e suscitado várias questões que possam ser úteis para o desenvolvimento do conhecimento e da literatura a respeito do tema, pois, embora o uso de “tudo” coloquial seja bastante produtivo no PB, não há trabalhos formalistas relacionados especificamente a essa questão, à exceção do artigo de Cançado (2006) e de breves menções em trabalhos como os de Vicente (2006), Sedrins (2011) e Lacerda (2012).

## REFERÊNCIAS

Baltin, M. R. (1995). Floating quantifiers, PRO and predication. *Linguistic Inquiry*, 26(2). pp.199-248.

Berlinck, R. A.; Duarte, M. E. L.; Oliveira, M. (2015). Predicação. In: Kato, M. A.; Nascimento, M. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença*. 2. vol. São Paulo: Contexto. pp. 81-149.

Bobaljik, J. D. (1995). *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. PhD dissertation. Massachusetts

Institute of Technology, Massachusetts.

\_\_\_\_\_. Floating quantifiers: handle with care. (2001). In: Cheng, L. & Sybesma, R. (eds.). *The Second Glot International State-of-the-article Book*. Berlin: Mouton. pp. 107-148. Disponível em: <<http://bobaljik.uconn.edu/papers/FQII.pdf>> (pp. 1-50).

Bošković, Ž. (2004). Be careful where you float your quantifiers. *Natural Language & Linguistic Theory*, n. 22. pp. 681-742.

Brisson, C. M. (1998). *Distributivity, maximality, and floating quantifiers*. PhD Dissertation – Rutgers University, New Brunswick, NJ.

Cançado, M. (2006). O quantificador *tudo* no PB. *Letras*, Curitiba, n. 70, set/dez. pp. 157-182.

Chierchia, G. (1998). Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, n. 6. pp. 339-405.

Chomsky, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press.

Cirillo, R. (2009). *The syntax of floating quantifiers: stranding revisited*. PhD Dissertation. Universiteit van Amsterdam.

Cruz, A. S. (2016). “Os ‘quantificador’ tá *tudo flutuando*”: uma análise de “tudo” como modificador de grau no Português Brasileiro. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.

Godoy, L. A. G. (2005). *A palavra tudo como quantificador universal puro no Português Brasileiro*. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Lacerda, R. (2012). *Quantificadores flutuantes no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lima, S. (2013). Maximality and distributivity in Brazilian Portuguese. *Linguística*, v. 9, n. 1. pp. 133-157

Longobardi, G. (1994). Reference and Proper Names. *Linguistic Inquiry* 25(4). pp. 609-665.

\_\_\_\_\_. (2001). How comparative is Semantics? A unified parametric theory of bare nouns and proper names. *Natural Language Semantics*, n. 9. pp. 335-369.

Magalhães, T. M. V. (2004). A valoração de traços de concordância dentro do DP. *DELTA*, 20:1. pp.

149-170.

Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho.

Quadros Gomes, A. P. (2004). “*Todo*”, “*cada*” e “*qualquer*”: exigências sobre a denotação nominal e verbal. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2009). *O efeito grau máximo sobre os domínios: como todo modifica a relação argumento-predicado*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Sedrins, A. P. (2011). O quantificador *todos* no português brasileiro: ordem e padrões de concordância. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40:1, jan-abril. pp. 207-219.

Shlonsky, U. (1991). Quantifiers as functional heads: a study of Quantifier Float in Hebrew. *Lingua*, 84. pp. 159-180.

Sportiche, D. (1988). A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry*, 19.3. pp. 425-449.

Vicente, H. S. G. (2006). *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília.

Vicente, H. S. G.; Quadros Gomes, A. P. (2013). Um tratamento unificado de grau para o quantificador flutuante e o intensificador ‘todo’. *Linguística*, v. 9, n. 1. pp. 112-132.

Vicente, H. S. G.; Quadros Gomes, A. P.; Lunguinho, M. V. (2016). Uma análise sintático-semântica de grau para todo-all no português brasileiro. Ms.